



# A bioética frente às novas fronteiras contemporâneas: um diálogo propositivo a partir da formação da consciência crítica

Bioethics for new contemporary borders: A  
propositive dialogue from the formation of critical  
consciousness

*André Luiz Boccato de Almeida\**

Recebido em: 25/10/2019. Aceito em: 22/11/2019.

**Resumo:** O presente artigo se propõe a analisar a bioética, desafiada pelas novas fronteiras contemporâneas reflexivas, a genética, as neurociências e o pluralismo antropológico, e, a urgência de explicitar os seus fundamentos a partir de uma antropologia integral que encontra na consciência o núcleo das decisões humanas diante das novas possibilidades trazidas pela emergência do contexto tecnológico. Percebe-se que ao ser humano atual impactam novos desafios complexos e abrangentes, com poucas respostas imediatas no que tange ao melhor modo de conduzir sua própria existência; contudo, também há a possibilidade de melhor se compreender mediante uma busca em sua própria consciência e na relação com os outros ao seu redor. Deseja-se, portanto, situar as novas fronteiras contemporâneas, com suas demandas ao sujeito ético, a partir de uma necessária formação da própria referência onde a pessoa é chamada a se escutar, se conhecer e encontrar um sentido verdadeiramente humano.

**Palavras-Chave:** Bioética. Consciência. Antropologia. Formação e desafios éticos.

**Abstract:** The present article proposes to analyze bioethics, challenged by the new reflexive contemporary frontiers, genetics, neurosciences and anthropo-

\* Pós-Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018-2019). Doutor em Teologia Moral e Bioética (Pontifícia Università Lateranense–Academia Alfonsiana, Roma, 2016). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009). Especialista (Lato Senso) em Educação Sexual (UNISAL, São Paulo, 2009). Graduado em Teologia (Escola Dominicana de Teologia, afiliada à Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, 2008). Graduado em Ciências Sociais (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru, 2004). Professor horista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.  
E-mail: a.l.boccato@gmail.com



*logical pluralism, and the urgency to explain its foundations from an integral anthropology that finds in the conscience the nucleus of the decisions the new possibilities brought about by the emergence of the technological context. It is perceived that the present human being impact new complex and comprehensive challenges, with few immediate answers as to the best way to conduct their own existence; however, there is also the possibility of better understanding through a search in your own consciousness and in the relationship with others around you. It is therefore desired to situate the new contemporary frontiers, with their demands on the ethical subject, from a necessary formation of the reference itself where the person is called to listen, to know and to find a truly human meaning.*

**Keywords:** *Bioethics. Conscience. Anthropology. Formation and ethical challenges.*

## Introdução

A bioética coloca-se como um saber laico que busca a ‘sabedoria do *humanum*’ em meio aos progressos técnicos. Esta sua tarefa árdua caracteriza-se como mediação entre as novas fronteiras reflexivas e teóricas contemporâneas, tais como a genética, as neurociências e a pluralidade antropológica. O diálogo interdisciplinar impõe-se entre os vários saberes com o bioético. Temos a convicção de que o horizonte de reflexão em questão propicia um sinal de esperança por re-despertar a discussão sobre a ética da vida em meio aos sutis mecanismos de desumanização hodiernos. O discurso religioso – cristão – neste debate pode nos encorajar em um duplo desafio: reafirmar a antropologia integral cujo acento é a centralidade do ser humano, e, destacar que desta proposta emerge uma positiva convicção de que pela sua consciência a pessoa é capaz de discernir com liberdade e coragem frente aos desafios complexos que se apresentam a ele. Diferentemente do passado segundo o qual a autoridade constituída, o poder institucionalizado e a religião ditavam as regras do bom agir, no contexto atual estes dispositivos são paulatinamente praticamente substituídos pela consciência do sujeito – hoje o sujeito narcísico – chamado a nortear sua vida a partir dos valores internalizados. Os novos dilemas bioéticos fazem aparecer novas formas de interpretar a vida e o seu sentido. Deste modo, deseja-se destacar a relevância da centralidade da consciência e sua formação no debate bioético contemporâneo salientando a necessária busca por um espaço de diálogo em que se cruzam tradições, culturas e perspectivas antropológicas. Procurar-se-á apresentar as novas fronteiras contemporâneas, com seus desafios e ambiguidades, enfatizando o papel da pessoa e sua consciência, iluminada pela reflexão teológica e religiosa, na decisão



frente aos desafios novos que se apresentam com um dinamismo de complexidade.

## 1 A bioética frente às novas fronteiras contemporâneas

O campo de reflexão em questão é o bioético. Ele se apresenta como um horizonte de reflexão sobre o ser humano e a sua complexa estrutura pluridimensional diante dos progressos técnicos<sup>1</sup>. Na bioética entrelaçam-se perspectivas científicas e a busca por um saber que almeja conjugar a humanidade – humanum – sob sutis ameaças, frente à inúmeras descobertas que tentam responder o contínuo progresso técnico e científico em torno da origem e fim da vida humana, animal e vegetal.

A bioética em um primeiro momento surgiu com o objetivo de interperlar o contínuo desenvolvimento das ciências médicas que estavam à serviço da pesquisa científica em todos os seus campos<sup>2</sup>. Embora a bioética tenha surgido no início dos anos 1970 para indicar um novo saber ético destinado a estudar as intervenções humanas no campo do bios<sup>3</sup> (a vida), precisamente, enquanto formulação terminológica, nasce em 1971, quando Van Rensselaer Potter publica o volume *Bioethics: Bridge to the future*<sup>4</sup>.

Esse autor, pesquisador na área de oncologia na Universidade de Wisconsin, usou a palavra num sentido evolutivo entre ordem e desordem no mundo afetado pelas ciências biológicas. Contudo, foi Andre Hellegers, obstetra holandês, fisiologista fetal e demógrafo quem aplicou o termo à ética da medicina e das ciências biológicas. Foi ele quem divulgou a palavra *bioethics* e direcionou o projeto do Instituto Kennedy para a bioética<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Cf. DURAND, Guy. *Introdução geral à bioética*. História, conceitos e instrumentos. São Paulo: Loyola; São Camilo, 2003. p. 92.

<sup>2</sup> Cf. CHIAVVACI, E. *Breves lições de bioética*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 9.

<sup>3</sup> Cf. FAGGIONI, M. *La vita nelle nostre mani. Manuale di bioetica teologica*. Torino: Camilliane, 2004. p. 7.

<sup>4</sup> Cf. LEONE, S.; PRIVITERA, S. "Bioética", in: LEONE, S.; PRIVITERA, S.; CUNHA, J. T. *Dicionário de bioética*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 87.

<sup>5</sup> Cf. PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*. São Paulo: Loyola; São Camilo, 2014, p. 26.



Esta síntese sobre a origem do novo saber denota já que a bioética surgiu com um enfoque interdisciplinar, procurando catalisar em um saber o progresso científico, próprio do universo médico com a inquietação ética, na forma da filosofia moral. Ela nasceu como uma busca em ajudar a humanidade, a ciência e os pesquisadores a desvendar a identidade profunda da vida humana. Esta identidade também encontra na religião, e de modo particular na tradição cristã, elementos convergentes para repensar hoje uma antropologia integral.

A bioética, envolvendo questões relacionadas com a vida e com a evolução biotecnológica, desde as suas origens até hoje, abriga as principais questões humanas. Neste sentido, se transformou em um “grande guarda-chuva”<sup>6</sup>, sob o qual é possível buscar os fundamentos do próprio ser humano que interage com o meio, também sendo influenciado pelo mesmo. Eis então a urgência do diálogo interdisciplinar frente às novas fronteiras contemporâneas para proporcionar critérios éticos à consciência do sujeito. Destacamos que ao menos três desafios ou horizontes de reflexão podem ser considerados como fronteira diante do atual contexto: a genética, as neurociências, e a pluralidade antropológica.

O primeiro desafio ou fronteira reflexiva é a genética. Ela se apresenta como o saber científico, o ramo das ciências biológicas, que estuda os fenômenos da hereditariedade, da variação e da evolução dos seres. Como todas as ciências, a genética também configura-se com um status empírico, ou seja, da observação demonstrativa do objeto empiricamente estudado da natureza<sup>7</sup>. Das experiências com ervilhas feitas por Mendel e a publicação deste resultado em 1866 (“Experiências com vegetais híbridos”) até a criação e surgimento do projeto “Genoma Humano” (anos 80-90), muitas fronteiras foram atravessadas e muitas reflexões se realizaram com grande aprofundamento. A genética, neste sentido, apresenta-se ainda como uma fronteira ao conhecimento humano como também às antropologias integrais.

A fronteira genética, no contexto da bioética, deve ser compreendida no âmbito do longo percurso das intervenções sobre a corporeidade

<sup>6</sup> Esta comparação pode ser encontrada em MOSER, A.; SOARES, A. M. M. *Bioética: do consenso ao bom senso*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 14.

<sup>7</sup> Cf. CASA, D.; TALONE, C. “Genética”. In: LEONE, S.; PRIVITERA, S.; CUNHA, J.T. *Dicionário de bioética*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 509.





na era moderna. Se durante séculos, o corpo foi esquecido e escondido<sup>8</sup>, com a modernidade foi totalmente explorado pelas ciências – biologia, psicologia, medicina – fazendo emergir a busca por melhor conhecer e intervir na unidade mínima do ser humano em sua dimensão física.

Os desenvolvimentos biotecnológicos, com o uso de pesquisa genética, prometem de certo modo a solução para antigos dramas humanos, tais como: quando podemos precisar a origem da vida humana ou da “pessoa” humana? Resolvida esta complexa questão fronteiriça em que medida será lícito ou não, em casos particulares a prática da interrupção voluntária da gravidez (o aborto)? Qual o estatuto ontológico e moral do embrião? Que direitos estão subtendidos a ele? Quem e porque radicalizaria a opção livre e consciente da mãe ou do médico quando em situações delicadas a interrupção da gravidez seria um mal menor?

Caso o sequenciamento genético seja de fato levado a cabo e por ele seja possível atingir a unidade ínfima do ser humano – o mistério de cada pessoa em sua esfera biológica – como e em que circunstâncias corresponder ao contínuo desejo de imortalidade biológica presente em cada ser humano em situações de risco? Em que medida manter a tão sonhada “saúde perfeita”<sup>9</sup> às milhares de pessoas que vivem em condições sub humanas e como prover economicamente os países pobres com pesquisas alto custo financeiro?

Não se pode negar que por trás destas questões complexas e delicadas que emergiram com a genética e as ciências de manipulação humana, do ponto de vista ético e bioético, aparece também uma profunda crítica à civilização tecnológica<sup>10</sup> que dissociou a técnica do humano e da ética<sup>11</sup>, ocasionando um percurso ainda a ser melhor aprofundado, sem ceder à tentação do moralismo fundamentalista ou relativismo pragmático.

<sup>8</sup> Cf. CASAVOLA, Francesco Paolo. *Bioética*. Una rivoluzione postmoderna. Roma: Salerno Editrice, 2013. p. 30.

<sup>9</sup> A questão da saúde perfeita foi problematizada pelo professor Lucien Sfez em sua obra “*A saúde perfeita. Crítica de uma nova utopia*”, publicada pela Loyola em 1996. Neste livro, o autor faz uma ferrenha e fundamentada análise crítica ao projeto genoma e ao tido dogma da biologia molecular como solução para todos os dramas diante da vulnerabilidade da vida humana.

<sup>10</sup> Cf. Esta crítica pode ser apreciada de forma analítica em PESSINA, Adriano. *Bioética*. L'uomo sperimentale. Milano: Edizioni Bruno Mondadori, 2000. 186 p.

<sup>11</sup> Cf. VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Bioética e Tecnociências*. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal. Bauru: Edusc, 2006. p. 45. Esta percepção pode ser verificada nos três primeiros capítulos (p. 31-106).



Estas questões ainda emergem frente a um contínuo dilema que surgiu com o “prometeico” discurso genético acerca do acesso ao mistério da vida humana, que tocam outros problemas de grande alcance, tais como: o acesso à intimidade da pessoa, o patenteamento genético, os transgênicos, a clonagem humana, a procriação assistida e outros problemas ligados ao biodireito e ao biopoder. O saber genético, embora propiciando a busca e a solução para problemas relacionados à prevenção da saúde e a dignidade da pessoa tanto na sua condição nascente como da morte, continua ainda sendo uma fronteira no debate bioético<sup>12</sup>. A genética, portanto, desafia-nos ainda na busca interdisciplinar por uma antropologia integral em tempos de incertezas. Destacamos que um necessário diálogo interdisciplinar que continue abrindo espaço para os vários sujeitos éticos exprimirem as suas visões indicaria critérios que ajudam a formação da consciência de todas as pessoas que refletem a questão.

O segundo desafio ou fronteira reflexiva refere-se às neurociências. Enquanto sofisticações dos avanços tecnológicos, elas colocam problemas éticos profundos no contexto bioético contemporâneo; geram interpelações em todos os campos do saber envolvidos na reflexão sobre o ser humano, a ética e a consciência na sua globalidade e formação, trazendo elementos novos e desafiantes no que se refere ao comportamento humano e à formação da consciência.

A neurociência, à diferença da física, da química ou da biologia “não neuronal” (porque a neurociência é biológica), ocupa-se da relação entre atividade psíquica (sensações, percepções, emoções, linguagem, consciência), estrutura e funcionalidade neuronal<sup>13</sup>. Em outras palavras, a neurociência em um certo nível necessariamente recorre às atividades psicológicas, e se não o fizesse, a sua pesquisa perderia todo sentido<sup>14</sup>. Elas estudam os processos do cérebro no sentido de exercerem alguma causalidade sobre as percepções, as recordações, os pensamentos, sobre os atos psíquicos em geral, e, enfim, sobre o agir humano e sobre o comportamento humano, a partir da relação entre sistema nervoso, o

<sup>12</sup> Cf. MIETH, D. *A ditadura dos genes*. A biotecnologia entre a viabilidade técnica e a dignidade humana. Vozes: Petrópolis, 2003. Nesta obra, o autor já questionava acerca dos problemas em questão, embora tratasse mais acerca do modo como a teologia moral poderia questionar as bases do conhecimento científico genético.

<sup>13</sup> Cf. KICKHOFEL, Eduardo. *As neurociências*. Questões filosóficas. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 30.

<sup>14</sup> Cf. RENNA L. (edd.). *Neuroscienze e persona: interrogativi e percorsi etici*. Bologna: Dehoniane, 2010. p. 19-20.



cérebro, os neurônios, os impulsos elétricos, as sinapses e os estímulos com o seu impacto em atitudes humanas<sup>15</sup>.

Este novo horizonte de conhecimento e especialização do saber científico traz uma nova forma de problematizar à quem estuda o ser humano, e de modo particular, a bioética. O cérebro humano, segundo este saber, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade humana. Não é apenas um órgão físico distante da vida da pessoa. Pode ser considerado como o ‘motor’ de nosso corpo que comanda as nossas atividades intelectuais tais como linguagem, o reconhecimento das formas, as resoluções de problemas ou a planificação de diversas ações.

Uma das grandes interpelações que emergem com as neurociências pode ser compreendida no sentido de que partes da matéria neuronal produzem a consciência<sup>16</sup> humana e, assim, faz surgir um novo homem, uma “neuroantropologia”<sup>17</sup>, uma nova forma de conhecer o ser humano pelo seu cérebro. Cria, além disso, a necessidade de uma “neurociência da ética”<sup>18</sup> que tenta pensar todas as dimensões do ser humano neuronal e cerebral à luz da ética. A presente perspectiva ao realçar o fato de que a decisão ética da pessoa não é algo simplesmente fruto do discernimento moral, mas de uma grande quantidade de neurônios que ativam o cérebro e assim condicionam a vida da pessoa, faz vir à tona a questão sobre a gênese e o funcionamento da consciência. Sendo assim, a fronteira que as neurociências colocam ao saber bioético vai além da busca pelo fundamento, mas torna-se uma crítica ao modo racional e filosófico de pensar o ser humano segundo a civilização ocidental. Esta abordagem ainda é uma perspectiva aberta que exige um diálogo pois estamos em busca por tentar responder se o pensamento brota do cérebro (com suas complexas realidades cognitivas)<sup>19</sup>, dos sentimentos ou de dinamismos que jamais serão conhecidos.

<sup>15</sup> Cf. KICKHOFEL, Eduardo. *As neurociências*. Questões filosóficas, p. 30-41 apresenta uma sintética análise sobre o sentido da neurociência, sua origem, impactos e novas possibilidades de leituras do fato humano a partir das questões neuronais.

<sup>16</sup> Cf. RENNA L., “Comportamento umano, coscienza e libertà. Elementi per un dialogo interdisciplinare tra teologia morale e neuroscienze”. In: CARLOTTI P. (edd.). *Teologia morale e scienze empiriche*. Roma: Ateneo Salesiano, 2012. p. 183.

<sup>17</sup> RENNA L., «Comportamento umano, coscienza e libertà. Elementi per un dialogo interdisciplinare tra teologia morale e neuroscienze», p. 166.

<sup>18</sup> RENNA L. (edd.). *Neuroscienze e persona: interrogativi e percorsi etici*, p. 11.

<sup>19</sup> Cf. BENINI, Arnaldo. *Le neuroscienze e il significato della vita*. Milano: Garzanti, 2012. p. 7.



As neurociências ao colocarem em crise a questão da liberdade<sup>20</sup> da pessoa em sua integralidade, como também a sua capacidade de decidir em sua plenitude, e, reduzir a consciência<sup>21</sup> humana a um mero determinismo biológico, nos possibilita aprofundar acerca do sentido último do ser humano numa perspectiva mais abrangente. A bioética, frente a esta nova fronteira contemporânea, é chamada a assumir este desafio, mas também melhor compreender esta nova forma de compreender a vida com seus dinamismos complexos. O contexto bioético, espaço de diálogo interdisciplinar e racional, não confessional, pode propiciar um aprofundamento das hipóteses mencionadas.

O terceiro desafio ou fronteira reflexiva é o da pluralidade antropológica. No horizonte bioético, o tema da pluralidade é uma dimensão enriquecedora porque proporciona a busca por um entendimento que se dá por uma constante busca dialógica. Vivemos hoje, mais que em outras épocas, o aparecimento de “várias formas ou condições culturais”<sup>22</sup> exprimindo que o ser, vivido em situações diferentes, é gerador das mais variadas formas de compreensão que enriquecem os vários aspectos a serem analisados. Contudo, se por um lado a era globalizada favorece o encontro entre as várias culturas e visões de ser humano, por outro, também nos revela as várias contradições e visões fragmentárias no seu interior. O pluralismo estando associado à globalização difusora do neoliberalismo utilitarista acelera a crise de valores presente na sua lógica. Ele vem à tona com toda a sua força com as tecnologias e as radicalizações científicas.

A pluralidade antropológica enquanto uma fronteira bioética se exprime tanto entre uma distinção entre a bioética cristã e a bioética laica<sup>23</sup>, como também em um problema talvez mais profundo: a crise da metafísica e a ascensão da pós-modernidade<sup>24</sup>. A visão plural sobre o ser humano além de enriquecer a reflexão ética também possibilita destacar

<sup>20</sup> Cf. RENNA L. (edd.). *Neuroscienze e persona: interrogativi e percorsi etici*, p. 99.

<sup>21</sup> Cf. RENNA L. (edd.). *Neuroscienze e persona: interrogativi e percorsi etici*, p. 102.

<sup>22</sup> Expressão extraída de Gehlen A., *Morale e ipermorale. Un'etica pluralista*. Verona: Ombre Corte, 2001. p. 51.

<sup>23</sup> Cf. O artigo de REICHLIN, M. “Bioetica laica e bioetica cristiana: elementi di un accordo possibile”, in *CredOg* 28 (2008), p. 7-18, tenta estabelecer uma relação entre estes dois paradigmas bioéticos que no fundo são a expressão de uma pluralidade antropológica e epistemológica no horizonte do saber humano contemporâneo.

<sup>24</sup> Cf. É sugestiva a análise feita na obra de ZUCCARO, Cataldo. *Bioetica e valori nel postmoderno. In dialogo con la cultura liberale*. Brescia: Queriniana, 2003.



do ethos uma grande quantidade de experiências vividas que favorecem a integração da complexidade. A bioética encontra no pluralismo antropológico também um contexto que desafia e exige uma maior fundamentação, seja no conteúdo como na linguagem. No contexto também teológico, a clássica visão de que a moral de inspiração refletia sobre o comportamento bom e justo a partir da visão de mundo e de homem da fé cristã, no horizonte cristão, também foi colocado em questão no contexto de pluralismo antropológico. Este dado reflexivo é causador de vários conflitos no interior das fundamentações teológicas. A definição agora é aberta às diversas formas de éticas chegando ao ponto no qual não se pode falar de uma bioética e de uma teoria bioética em absoluto<sup>25</sup>. A riqueza da presente perspectiva propicia a interdisciplinaridade e a busca por uma visão mais complexa sobre os problemas humanos vistos à luz da fé.

Embora o pluralismo antropológico tenha muitas dimensões polisêmicas ainda a serem analisadas, a ideia central predominante baseia-se no fato de que a pessoa, sendo reduzida ao quantitativo, já que plural, gera um reducionismo de sua visão total e integral<sup>26</sup>. Sendo assim, o ser humano é apenas um número diante de tantos outros.

De forma positiva, no fenômeno do pluralismo há a convergência estratégica entre a economia e a comunicação<sup>27</sup>, o que proporciona a extinção das distâncias geográficas. Também pode ser visto sob o prisma das consequências sociais trazidas pelo fenômeno complexo da emigração<sup>28</sup> que criando uma comunicação nunca vista entre os povos, também provoca problemas sociais de larga escala mundial. A partir desta perspectiva, para a reflexão bioética,

*Hoje somos desafiados a confrontar as questões complexas, sem a tradicional confiança na religião e na metafísica. O iluminismo simplesmente as pôs de lado e nos deixou somente com a razão autônoma. Os filósofos*

<sup>25</sup> Cf. BAUMGARTNER C., «Ética teológica senza teologia? Valutazione di una riflessione etico-teologica sulle sfide morali del pluralismo in merito al loro rapporto con la teologia», in *Concilium* 42/2 (2006), p. 72-73.

<sup>26</sup> Cf. PALUMBIERI, S. *È possibile essere uomo? Progetti e messaggi a confronto*. Napoli: Dehoniane, 1979. p. 13.

<sup>27</sup> Cf. PESSINI L., et. al., *Ser e fazer*. Teologia moral: do pluralismo à pluralidade, da indiferença à compaixão. Aparecida: Santuário, 2012. p. 124.

<sup>28</sup> Cf. FORNET-BETANCOURT, R., "Interculturalidad e inmigración", in Tamayo-acosta J.-J., (dir.), *10 palabras clave sobre globalización*. Navarra: Verbo Divino, 2002. p. 205.



*idealistas então deixaram a realidade externa para estudar os construtos mentais e a consciência. Sob a influência da psicologia e da psicanálise, os pós-modernistas completaram a demolição ao minar os argumentos da razão para conhecer a realidade externa ou a verdade moral. O homem enfrenta agora um dos mais complexos desafios, equipado somente com sua humanidade subjetiva autônoma<sup>29</sup>.*

O pluralismo em si mesmo não é o principal obstáculo da crise. Deve ser compreendido dentro do conjunto maior, fruto de um longo processo de descoberta dos vários sujeitos éticos. Podemos dizer que os principais paradigmas de ser humano<sup>30</sup> que fundamentam uma visão unitária ou integral do ser humano são fundidos numa perspectiva de legítimo pluralismo. Os valores éticos provenientes das concepções são questionados por um sujeito em crise de identidade diante do vazio existencial<sup>31</sup>, proveniente de uma vida sem sentido.

O conflito inerente ao pluralismo antropológico no contexto globalizado é intrínseco precisamente por sua tendência de desconstrução das várias identidades grupais e individuais, pondo em risco as várias e complexas construções das diferentes culturas. O pluralismo fomenta a reflexão acerca do multiculturalismo. Diante da cultura globalizada, tecnocrática e burocrática a reflexão pode equilibrar as várias visões sobre o ser humano em cada sociedade contextualizada com os seus desafios concretos<sup>32</sup>.

A bioética, diante das três fronteiras contemporâneas – genética, neurociências, pluralismo antropológica – é chamada a encontrar uma tradição ética na qual se coloca o sujeito como protagonista e referencial das próprias decisões pela consciência bem formada. O movimento

<sup>29</sup> PESSINI, Léo (org.). *Bioética em tempo de incertezas*. São Paulo: São Camilo; Loyola, 2010. p. 24-25.

<sup>30</sup> Cf. PESSINI L., (org.). *Bioética em tempo de incertezas*. O autor menciona alguns destes paradigmas, tais como: “Uma perspectiva teocêntrica: o ser humano como um ser espiritual” (p. 27); “A perspectiva antropológica da Igreja Católica” (p. 28); dentro da perspectiva antropocêntrica, menciona: “A visão positivista e empírica do ser humano” (p. 30), “O ser humano como ser pensante: o conceito filosófico de ser humano” (p. 31) e “O ser humano como um ser que sente: a abordagem subjetiva, intuitiva e psicodinâmica” (p. 34).

<sup>31</sup> Cf. FRANKL, Viktor. *O sofrimento de uma vida sem sentido*. Caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015. p. 9.

<sup>32</sup> Cf. PESSINI L., (org.). *Ética e Bioética Clínica no Pluralismo e Diversidade*. Teorias, experiências e perspectivas. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Ideias & Letras, 2012. p. 22.



bioético, nascido em décadas anteriores com desafios próprios, hoje é desafiado, a partir da mudança de paradigma que acompanha as três fronteiras contemporâneas, a repensar a necessária formação da consciência.

## 2 A formação da consciência crítica diante das fronteiras contemporâneas

Conciliar o poder tecnológico e as três fronteiras contemporâneas – com uma concepção integral de ser humano – é um desafio incessante que encontra visões discordantes e pacíficas<sup>33</sup>. Contudo, com a grande velocidade dos avanços e perspectivas sobre o sentido da humanidade aparece não apenas o conhecido olhar de desconfiança com relação às ciências e suas consequências, mas mais ainda uma busca para melhor proporcionar e formar de forma real a pessoa, pela sua consciência, núcleo secretíssimo onde descobre a lei<sup>34</sup> que deve guiar suas decisões e a sua liberdade.

A urgente formação da consciência diante das novas fronteiras advem da simples constatação de que neste século XXI o desenvolvimento acelerado da ciência e da tecnologia, traz ao mesmo tempo benefícios ao bem-estar do ser humano e também o risco cada vez maior de sua autodestruição e do planeta. Quanto maior o sucesso da ciência e da inovação tecnológica, mais cresce a ameaça do futuro da humanidade e do planeta. Eis este paradoxo ético-científico decorrente das novas fronteiras contemporâneas e do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Diante disto, propõe-se uma séria autocrítica da humanidade (ocidental) e uma interpelação acerca da formação da consciência que assuma os desafios.

A formação da consciência dos sujeitos éticos contemporâneos deve ultrapassar tanto o “catastrofismo apavorado como um otimismo beato”<sup>35</sup>, pois toca no modelo de ser humano, de ciência, de progresso e dos fins com os quais se quer chegar. Pensar no sujeito consciente, imerso nesses desafios com suas fragilidades, deve superar a velha postura mo-

<sup>33</sup> Cf. Esta perspectiva pode ser verificada de forma sintética em LECOURT, Dominique. *Humano pós-humano. A técnica e a vida*. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>34</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 2001. n. 16.

<sup>35</sup> Expressão extraída de GUILLEBAUD, Jean-Claude. *O princípio de humanidade*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008. p. 7.





realizante que leva a recusar o próprio princípio do progresso científico e também a tendência a aceitar todos os consentimentos, sem assumir as consequências.

Formar a consciência é sempre um desafio não sem perplexidades e ambiguidades. Quando esta questão é tratada no contexto ético-teológico, o problema coloca-se no diálogo diante da diversidade de destinatários (crentes e não crentes) e a multiplicidade epistemológica (diversificação dos processos de comunicação do conhecimento). Sendo assim, o papel do teólogo<sup>36</sup>, neste âmbito é questionar os limites morais da investigação das novas fronteiras científicas e compreender o debate a partir da dimensão profunda da pessoa que se coloca diante da transcendência e não tanto indicar o modelo de ciência.

No que se refere à formação da consciência, em sua perspectiva crítica, analítica e formadora de sujeitos autônomos, seu foco último é o de conduzir o ser humano a tomar decisões, porque as respostas diante dos dilemas são determinadas pela própria pessoa e o que ela está buscando ser. Desta forma, a complexidade da vida moral é assumida pela pessoa, isto é, pela sua própria consciência. Mas o que é propriamente a consciência?

*A consciência seria um juiz interno e supremo, independente das circunstâncias objetivas e das condições históricas e sociais. Na sua atividade, seria evidenciada a liberdade absoluta do homem [...]. A consciência pode ser livre, sem que por isso – enquanto consciência de homens concretos – deixe de ser determinada histórica e socialmente<sup>37</sup>.*

A centralidade da consciência no atual contexto contemporâneo, com tantos desafios e fronteiras de complexa análise – e a bioética está neste âmbito –, é proveniente um longo período histórico no qual se passou da exaltação unilateral da lei objetiva para fases sucessivas<sup>38</sup> de sempre mais nítida responsabilização da pessoa e de valorização do caráter originário da sua consciência.

<sup>36</sup> Cf. MOSER, Antônio; SOARES, André Marcel S. *Bioética*. Do consenso ao bom senso. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 36.

<sup>37</sup> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 186.

<sup>38</sup> Cf. Esta percepção sobre as fases evolutivas de compreensão da consciência podem ser verificadas na sintética de VALSECCHI, A. “Consciência”. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 137-151.





Sua formação e amadurecimento (da própria pessoa) foi amplamente estudado pela psicologia evolutiva, buscando compreender o movimento de todas as dimensões (inteligência, afetividade, comportamento, ambiente). Hoje, mais do que nunca, é indispensável o trabalho de integração destas diversas dimensões e capacidades que querem ajudar a pessoa a dar unidade à pessoa.

As novas fronteiras contemporâneas – genética, neurociências e o pluralismo antropológico – exigem, mais do que nunca uma melhor explicitação do que se seria a consciência (a própria pessoa), em sua dimensão de criticidade, pois eles tocam e fazem referência, condicionando a profundas e intensas realidades que revelam a verdade da pessoa. Uma certa urgência que emerge ao ser humano contemporâneo é uma necessária afirmação da dignidade como um âmbito indiscutível.

Cada teoria antropológica se apoia numa fonte diferente de autoridade moral para justificar suas normas. Algumas delas buscam fontes transcendentais, outras no próprio ser humano. Cada teoria afirma um paradigma diferente de bioética<sup>39</sup>. Há, portanto, uma antropologia subjacente na genética e nas neurociências, revelando a necessidade de pensar o ser humano – sua consciência – em uma perspectiva de maior complexidade. Toda antropologia assume algum aspecto da existência humana, já que uma concepção total de humanidade seria impossível; deste modo, a apresentação das várias perspectivas aponta a conflitualidade como um caminho próprio<sup>40</sup>, embora a questão de fundo sempre seja, neste âmbito, o que é e o que não é moralmente aceitável em relação ao que significa ser humano.

Um desafio aberto, diante desta discussão é o de se pensar a formação da consciência para assumir a complexidade e o diálogo (várias formas de conhecimento) como um *modus vivendi* próprio do mundo e da cultura contemporânea. Esta perspectiva, paulatinamente, está se impondo diante de um modelo de pensamento e reflexão marcadamente

<sup>39</sup> Cf. A discussão em torno do pluralismo antropológico e ético é uma das mais complexas no atual contexto cultural ocidental, pois revela a realidade polivalente das discursividades. Neste sentido, PESSINI, Leo “Qual antropologia para fundamentar a bioética em tempo de incertezas?”. In: PESSINI L., (org.), *Bioética em tempo de incertezas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Loyola, 2010. p. 23-40, propicia percorrer pelas várias antropologias e compreender os dilemas atuais.

<sup>40</sup> Cf. Sobre este âmbito é relevante a obra de LECLERC, Bruno; Salvatore. *As concepções do ser humano*. Teorias e Problemáticas. Lisboa: Instituto Piaget/Epistemologia e Sociedade, 2004.



monolítico<sup>41</sup> e fruto de um horizonte de ordem. As metanarrativas, até então frutos do contexto que fomentava as consciências à adequação, sofrem um desgaste de ressignificação diante das contínuas descobertas da genética, neurociência e do pluralismo antropológico.

Estas fronteiras, ou esferas do novo conhecimento, sugerem que devemos olhar e analisar as consequências e benefícios destes campos do saber para além de uma abordagem estritamente ‘padronizada’<sup>42</sup>, como é próprio da epistemologia em bioética – que assume a verdade em uma constante construção não dogmática – e não por uma ótica binária que nega a profundidade do ethos e dos programas éticos plurais<sup>43</sup> em suas mais variadas formas de fundamentação. A categoria de consciência crítica, então, torna-se uma atribuição necessária para as várias impositões éticas no contexto bioético. Formar a consciência do sujeito, para a real e sadia autonomia, é imprescindível diante dos entrecosques das várias moralidades e antropologias, já que esta, em sua perspectiva de criticidade, é caracterizada na interpretação dos problemas, pela substituição das explicações mágicas pelo estudo das causas reais; pela segurança na argumentação; pela prática do diálogo e não da polêmica; pela receptividade diante do novo; pela não transferência e nem pelo abandono de sua responsabilidade<sup>44</sup>.

A ideia de consciência crítica torna-se necessária diante da perspectiva antropocósmica<sup>45</sup> que defende a plena e respeitosa convergência dos saberes tecnológico e simbólico. Esses não toleram normas e imposições externas de qualquer índole, pois partem da ideia moderna – e, decididamente contemporânea – segundo a qual é necessário respeitar a liberdade, o consentimento livre e esclarecido. Então, mais que repudiar

<sup>41</sup> Cf. Essa análise já podia ser encontrada com destaque por LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papirus, 1996 (Coleção Travessia do Século). O autor, nesta obra, aponta alguns paradoxos do mundo contemporâneo que exprimem a nova ordem (ou desordem) que pode ser visto como a passagem das narrativas “ordenadas” para o horizonte de metanarrativas que captam a complexidade do cotidiano e ausência de uma única perspectiva.

<sup>42</sup> Cf. DUSSEL, Enrique. “Pode-se legitimar ‘uma’ ética diante da ‘pluralidade’ histórica das morais?”. In: *Concilium* 170 (1981/10), p. 75-85, já nos anos 80 se questiona acerca de certa tendência geral em unificar ou legitimar um *modus vivendi et operandi* diante da afirmação de experiências históricas com suas impositões próprias.

<sup>43</sup> Cf. GEHLEN, Arnold. *Moral e Hipermoral*. Uma ética pluralista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 172. (Biblioteca Tempo Universitário 78).

<sup>44</sup> Cf. VIDAL, Marciano. “Concienciación”. In: VIDAL, Marciano. *Diccionario de ética teológica*. Navarra: Verbo Divino, 2000. p. 109.

<sup>45</sup> Cf. Concepção proveniente de PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Problemas atuais de bioética*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 75.



a liberdade – o que é comum para os bastiões da antiga moral tradicional (que questionam todo tipo de progresso sem o senso da religião) – seria conveniente pensar em um processo de formação da consciência (do sujeito) para a sabedoria e a prudência (*phronesis*), assumindo o que é conveniente diante das pluralidades reinantes<sup>46</sup>.

O sujeito – com sua consciência, locus tensões, das decisões e do contínuo discernimento – é chamado ao desafio de afrontar as novas fronteiras científicas com uma serena, mas profunda reflexão sobre o que agrediria ou não à dignidade da pessoa humana. Em questões de bioética, é necessário contar sempre com a possibilidade de opiniões novas e mais profundas e com o progresso do conhecimento no campo da ética, dado que as questões são sempre refletidas em espaços e circunstâncias cheias de contrastes e condições próprias.

Portanto, a formação da consciência no âmbito da bioética e das fronteiras contemporâneas, é um desafio ainda a ser construído e refletido nos mais amplos âmbitos do conhecimento. Reiteramos que este novo ethos da civilização técnico-científica, assumido pela genética, as neurociências e o pluralismo, é uma tarefa que urge ser feita<sup>47</sup>, porém deve-se iniciá-la com o restabelecimento das dimensões de um *ethos* no interior do qual o homem é abrigado como ser humano<sup>48</sup>. O imperativo da civilização técnico-científica se inscreve como imperativo da sobrevivência do próprio ser humano como sujeito responsável e livre.

### 3 Conclusão

A bioética é reconhecidamente o saber da sobrevivência que resgata a liberdade do ser humano, conjugando com os avanços contínuos

<sup>46</sup> Cf. Esta perspectiva pode ser encontrada e aprofundada pelo importante filósofo e educador Paulo Freire em suas obras, mas principalmente em: *Educação como prática da liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975; *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013; *Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

<sup>47</sup> Cf. Esta percepção havia sido feita já por VAZ LIMA, Henrique Cláudio. *Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 223.

<sup>48</sup> Cf. Esta perspectiva acreditamos que pode ser fundamentada a partir do pensamento de MORIN, Edgar. *O Método*. 6. Ética. Porto Alegre: Sulina, 2007. Morin, chama propõe esta reflexão a partir do que ele mesmo chama de “religação ética” com o ethos mais profundo do humano (p. 21).



no campo da ciência e da técnica. Se num passado não muito distante a bioética ocupou-se de modo mais detido com os avanços que se deram na ciência biomédica, dos EUA para a Europa, e, em todo o mundo, no atual contexto, o saber bioético é chamado a discutir os fundamentos epistemológicos das novas fronteiras contemporâneas – genética, neurociências e o pluralismo antropológico – com o objetivo de re-centrar o ser humano (a pessoa) no debate. Quanto mais se avança a complexidade dos saberes técnico-científicos, mais a bioética terá elementos e discussões a serem aprimoradas por perspectivas distintas diante do humano.

A consciência – contexto ou âmbito onde a pessoa é chamada a decidir com serenidade – é sempre central em toda discussão bioética, haja vista que este saber se debruça sobre a humanidade em suas nuances. A formação da consciência, na verdade, não foi algo inventado pelos teólogos cristãos e também não se concluirá com os bioeticistas diante de novos e complexos questionamentos. O problema da formação da consciência também não foi inventado nem sequer por filósofos, educadores ou psicólogos. Formar a consciência é um imperativo constante ou perene na interioridade da pessoa. Deste modo, uma adequada formação ética da consciência deve respeitar rigorosamente a estrutura subjetivo-objetiva do juízo moral em sua perspectiva de autonomia.

As novas fronteiras contemporâneas, com suas inquietações e desafios, recolocam a reflexão ética para o sujeito e a sua decisão. Estas novas formas de abordar a vida e o próprio ser humano impõem-se a partir da ideia de que conhecer e refletir nem sempre possibilita um acesso coerente à realidade. A genética, as neurociências e o próprio pluralismo proveniente, indicam que ainda não possuímos um enfoque que englobe as partes no todo e este nas partes. Tanto a complexidade como a transdisciplinaridade dizem respeito às formas de melhor refletir a vida e a própria pessoa (sua consciência).

Pensar a formação da consciência, em um âmbito de criticidade, é assumir os mesmos desafios postos à bioética a partir do critério da complexidade. O diálogo e uma visão complexa de ser humano (pluralismos antropológicos) tornam-se assim os caminhos orientadores do ser humano – mediante o discernimento – para se posicionar diante dos contrastes constantes no contexto pós-moderno. Se a ética neuropsíquica se caracteriza por manter pólos antagônicos em tensão, então é necessário conceber uma ética, uma bioética e a consciência, conjugando dialogicamente aspectos até agora considerados contrários e excludentes.



É verdade que somos hoje influenciados pelo nostálgico desejo de um ethos não conflitivo e monolítico, proveniente de uma perspectiva simplista e uniforme, contudo, a bioética – com sua teia de diálogo interdisciplinar e complexo – nos recoloca a grande questão do sentido da humanidade quando assume a pluralidade de perspectivas como o novo modus vivendi hodierno.

Quanto mais o ser humano assume o comando da natureza por meio do conhecimento, tanto mais aumenta sua responsabilidade sobre as intervenções na realidade, guiadas por esse mesmo conhecimento. Pela ciência e técnica, a humanidade toma, cada vez mais, nas suas mãos o direcionamento da evolução. Por isso a urgência de uma ética do conhecimento e da consciência. Para que a bioética desempenhe essa tarefa, ela não pode ficar reduzida à sua dimensão pragmática de solução de casos, mas ir hermeneuticamente discutindo os desafios das novas fronteiras contemporâneas para mover uma nova visão de humano e de consciência diante da evolução.

### Referências bibliográficas

- BAUMGARTNER, C. «Ética teológica senza teologia? Valutazione di una riflessione etico-teologica sulle sfide morali del pluralismo in merito al loro rapporto con la teologia». In: *Concilium* 42/2 (2006), p. 72-73.
- BENINI, Arnaldo. *Le neuroscienze e il significato della vita*. Milano: Garzanti, 2012.
- CARLOTTI, P. (edd.). *Teologia morale e scienze empiriche*. Roma: Ateneo Salesiano, 2012.
- CASA, D.; TALONE, C. “Genética”. In: LEONE, S.; PRIVITERA, S.; CUNHA, J. T. *Dicionário de bioética*. Aparecida: Santuário, 2001.
- CASAVOLA, Francesco Paolo. *Bioetica*. Una rivoluzione postmoderna. Roma: Salerno Editrice, 2013.
- CHIAVVACI, E. *Breves lições de bioética*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 2001.
- DURAND, Guy. *Introdução geral à bioética*. História, conceitos e instrumentos. São Paulo: Loyola; São Camilo, 2003.



DUSSEL, Enrique. “Pode-se legitimizar ‘uma’ ética diante da ‘pluralidade’ histórica das morais?”. In: *Concilium* 170 (1981/10), p. 75-85.

FAGGIONI, M. *La vita nelle nostre mani*. Manuale di bioetica teologica. Torino: Camilliane, 2004.

FORNET-BETANCOURT, R., “Interculturalidad e inmigración”, in Tamayo-acosta J.-J., (dir.), *10 palabras clave sobre globalización*. Navarra: Verbo Divino, 2002.

FRANKL, Viktor. *O sofrimento de uma vida sem sentido*. Caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GEHLEN, Arnold. *Morale e ipermorale*. Un’ética pluralista. Verona: Ombre Corte, 2001.

\_\_\_\_\_. *Moral e Hipermoral*. Uma ética pluralista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Biblioteca Tempo Universitário 78).

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *O princípio de humanidade*. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

KICKHOFEL, Eduardo. *As neurociências*. Questões filosóficas. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LECLERC, Bruno; Salvatore. *As concepções do ser humano*. Teorias e Problemáticas. Lisboa: Instituto Piaget/Epistemologia e Sociedade, 2004.

LECOURT, Dominique. *Humano pós-humano*. A técnica e a vida. São Paulo: Loyola, 2005.

LEONE, S.; PRIVITERA, S. “Bioética”, in: LEONE, S.; PRIVITERA, S.; CUNHA, J. T. *Dicionário de bioética*. Aparecida: Santuário, 2001.

LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papyrus, 1996 (Coleção Travessia do Século).



PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*. Loyola; São Camilo: São Paulo, 2014.

PESSINA, Adriano. *Bioetica. L'uomo sperimentale*. Milano: Edizioni Bruno Mondadori, 2000.

MIETH, D. *A ditadura dos genes*. A biotecnologia entre a viabilidade técnica e a dignidade humana. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. *O Método*. 6. Ética. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSER, Antônio; SOARES, André Marcel S. *Bioética*. Do consenso ao bom senso. Petrópolis: Vozes, 2006.

RENNAL. (edd.). *Neuroscienze e persona: interrogativi e percorsi etici*. Bologna: Dehoniane, 2010.

REICHLIN, M. "Bioética laica e bioética cristiana: elementos de um acordo possível". In: *CredOg* 28 (2008), p. 7-18.

SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita*. Crítica de uma nova utopia. São Paulo: Loyola, 1996.

PALUMBIERI, S. *È possibile essere uomo?* Progetti e messaggi a confronto, Napoli: Dehoniane, 1979.

PESSINI, L. (org.) *Ser e fazer*. Teologia moral: do pluralismo à pluralidade, da indiferença à compaixão. Aparecida: Santuário, 2012.

PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Problemas atuais de bioética*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.), *Ética e Bioética Clínica no Pluralismo e Diversidade*. Teorias, experiências e perspectivas. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Ideias & Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. (org.) *Bioética em tempos de incertezas*. São Paulo: São Camilo; Loyola, 2010.

VALSECCHI, A. "Consciência". In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 137-151.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VAZ LIMA, Henrique Cláudio. *Escritos de Filosofia II*. Ética e Cultura. São Paulo: Loyola, 1988.



VIDAL, Marciano. “Concienciación”. In: VIDAL, Marciano. *Diccionario de ética teológica*. Navarra: Verbo Divino, 2000.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Bioética e Tecnociências*. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal. Bauru: Edusc, 2006.

ZUCCARO, Cataldo. *Bioetica e valori nel postmoderno*. In dialogo con la cultura liberale. Brescia: Queriniana, 2003.